

Desafios e potencialidades do “pesquisador nativo”: perspectivas etnográficas em um festival musical¹

LEONARDO CORRÊA BOMFIM²

RESUMO: Este artigo apresenta discussões teóricas, possibilidades práticas e experiências etnográficas abordadas na tese de doutorado do autor sobre o festival Psicodália. Naquele contexto de pesquisa de campo – ao transitar entre as funções de público, organizador e pesquisador –, emergiram questões e reflexões sobre o posicionamento de “pesquisador nativo”, evidenciando desafios e potencialidades da categorização no espaço-tempo etnográfico. Alinhadas a estas perspectivas, as subjetividades, identidades e relações de pertencimento do pesquisador com o festival assumiram um lugar de maior relevância nos relatos textuais, tangenciando em alguns momentos aspectos da autoetnografia e da autoantropologia. Neste sentido, é possível inferir que aquela ambivalente configuração proporcionou mais oportunidades de acesso a interlocutores e informações, assim como ocasionou alguns dilemas éticos e morais. Para esta publicação, utilizei como referência etnográfica o período de pesquisa de campo desenvolvida no evento, entre os anos de 2012 e 2017. Embora o festival possua um caráter essencialmente musical, o evento pode ser caracterizado como multimidiático, pelo fato de não se restringir exclusivamente a shows, havendo também peças de teatro, performances, mostras de cinema (filmes, documentários e curtas), oficinas, artesanato, exposições e recreação. Renomados artistas já se apresentaram no festival, tais como Os Mutantes, Tom Zé, Elza Soares, Moraes Moreira, Baby do Brasil, Alceu Valença, Yamandu Costa, Hermeto Pascoal, Nação Zumbi, Steppenwolf, Ian Anderson (Jethro Tull), entre outras bandas autorais, independentes e grupos musicais de gêneros como rock progressivo, psicodélico, rock’n’roll, blues, jazz, reggae, folk, músicas regionais etc.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia; Pesquisador nativo; Festivais musicais; Psicodália.

Challenges and potentialities of the "native researcher": ethnographic perspectives in a music festival

ABSTRACT: This article presents theoretical discussions and practical applications of ethnographic experiences raised in the author’s doctoral thesis on the Psicodália festival. While engaged in fieldwork – and moving between the roles of audience, organizer, and researcher – several reflections and questions regarding the position of a “native researcher” emerged, which pointed out the challenges and potentialities around such categorization in the ethnographic space-time. In alignment with those perspectives, the researcher’s subjectivities, identities, and sense of belonging to the festival gained substantial relevance in his academic writing, which at moments bordered on aspects of autoethnography and autoanthropology. It is possible to

¹ Este artigo apresenta reflexões e discussões teóricas desenvolvidas na tese de doutorado do autor.

² **Leonardo Corrêa Bomfim** é músico, compositor, educador musical e pesquisador. Doutor em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Professor Efetivo de Música da Universidade Federal Fluminense – COLUNI-UFF. **E-mail:** leocorreak@gmail.com

infer that such ambivalent positioning led to more opportunities to access information and insiders, while it also posed ethical and moral dilemmas. In this paper, the reference period for the ethnography spanned from 2012 to 2017, which encompassed the author's fieldwork in the event. Although the festival is mainly a musical event, it also can be characterized as multimedia in character, as it hosts theater pieces, performances, short film and documentary exhibitions, workshops, handcrafting and recreation areas. Several renowned artists have already performed in the festival, such as: Os Mutantes, Tom Zé, Elza Soares, Moraes Moreira, Baby do Brasil, Alceu Valença, Yamandu Costa, Hermeto Pascoal, Nação Zumbi, Steppenwolf, Ian Anderson (Jethro Tull), among other independent bands and musical groups of diverse genres including progressive and psychedelic rock, rock'n'roll, blues, jazz, reggae, folk and local music.

KEYWORDS: *Ethnography; Native researcher; Music festivals; Psicodália.*

O campo e o pesquisador: cruzamentos e relações de pertencimento

A discussão conceitual de perspectivas etnográficas e posicionamentos de pesquisadores em campo oferece inúmeras possibilidades de abordagem na esfera acadêmica. Em um âmbito mais panorâmico, a pesquisa pode estabelecer considerações sobre metodologias e conceitos que forneçam subsídios para os mais diversos modelos e contextos de trabalho de campo. Seguindo esta argumentação, também é factível inferir que investigações científicas elaborem reflexões mais circunscritas, isto é, direcionadas às especificidades de determinada pesquisa de campo ou espaço-tempo etnográfico. Nesse sentido, este artigo visa construir pontes de diálogo entre esses dois universos, panorâmico e circunscrito, oferecendo lentes que proporcionem um *zoom in* e um *zoom out* da pesquisa de doutorado do autor, simultaneamente a mecanismos de contraposição e complementaridade entre esses dois olhares.

Nesse sentido, no intuito de buscar reflexões e estratégias que partam das experiências vivenciadas em campo no universo psicodálico e que possam ser transportadas para outros contextos de pesquisas acadêmicas etnográficas, considero necessária uma breve contextualização histórica, espacial e relacional do pesquisador com o festival. A partir da elucidação dessas relações de identidade e pertencimento entre o pesquisador e o campo, a discussão será direcionada para um aprofundamento teórico-conceitual sobre as temáticas etnográficas envolvendo o pesquisador nativo, sendo encerrada com exemplos de atuação mais prática do trabalho em campo.

Situando, então, historicamente o evento, o Psicodália é um festival musical e multimidiático (multiartes)³ fundado em 2001 por músicos e artistas independentes de Curitiba-PR. Em sua primeira edição, ocorrida na cidade de Angra dos Reis-RJ, o evento recebeu o nome de *Angrastock* – em uma nítida referência ao alinhamento estético-ideológico contracultural do Festival de Woodstock – e contou com um

³ Além de apresentações musicais, o evento também abrange mostras de cinema (documentários, curtas-metragens, animações e desenhos), espetáculos teatrais, performances circenses, performances, recreação, oficinas e *workshops*, assim como exposições e vendas de artes plásticas e artesanato.

público ainda reduzido, com cerca de 150 participantes. No ano seguinte, o festival foi transferido para a região Sul do país – localidade em que permanece até a atualidade – e transitou por diversas cidades, tais como Morretes-PR (2002), Lapa-PR (2003 e 2004), quando oficialmente foi intitulado Psicodália; Antonina-PR (2005) etc. Entre os anos de 2006 e 2009, o evento ocorreu anualmente no carnaval, na zona rural da cidade de São Martinho-SC. Neste período, o festival já incorporava um público e tinha estrutura mais ampla, com cerca de 2.000 a 2.500 participantes, assim como artistas e bandas mais expressivas no cenário do rock nacional – entre estas, Patrulha do Espaço (2006), Sérgio Dias (Os Mutantes) (2007), Casa das Máquinas (2008), Som Nosso de Cada Dia (2009) –, embora o festival seja composto majoritariamente por músicos independentes que apresentam repertórios com músicas autorais.

Em virtude da expansão do evento, o Psicodália foi transferido para a fazenda Evaristo em 2010 (na zona rural de Rio Negrinho-SC), local onde se mantém até hoje em uma estrutura ainda mais extensa e organizada. Desde 2010, as edições ocorrem predominantemente nos feriados de carnaval. Atualmente o público é bastante diverso, sendo a maioria composta por jovens (de aproximadamente 18 a 30 anos), brancos, de classe média e de diversas “tribos urbanas”, contabilizando em torno de 6.000 pessoas. Durante os seis dias de Psicodália, o público se instala em barracas (ou ainda em *motorhomes* e kombis adaptadas) distribuídas nas cinco áreas de *campings*.

Entre os anos de 2010 e 2017, renomados artistas nacionais e internacionais se apresentaram no festival: Os Mutantes (2010); Tom Zé (2011); Sá & Guarabyra, Casa das Máquinas e Paulinho Boca de Cantor (Novos Baianos) (2012); Alceu Valença e Hermeto Pascoal (2013); Gong, Moraes Moreira e Yamandu Costa (2014); Ian Anderson (Jethro Tull), Baby do Brasil, Jards Macalé e Arnaldo Baptista (2015); John Kay & Steppenwolf, Elza Soares e Nação Zumbi (2016); Ney Matogrosso e Erasmo Carlos (2017), abrangendo gêneros musicais como rock progressivo, psicodélico, rock’n’roll, MPB, folk, blues, jazz, reggae, música regional, entre outros. A última edição do evento ocorreu em 2019 – sendo esta minha última participação no festival – e antecedeu a pandemia da Covid-19, de forma que, após esse período, ainda não foi retomado.

Direcionando a discussão para minhas questões identitárias e relações de pertencimento em relação ao campo, ressalto alguns aspectos da subjetividade, formação e do lugar de fala, de forma a elucidar as complexidades e os cruzamentos entre o músico, pesquisador e nativo em questão e a comunidade pesquisada. Para este empreendimento, peço licença ao sociólogo francês Pierre Bourdieu, em sua crítica à *Ilusão Biográfica* (1998), no sentido de narrar alguns episódios, não com o propósito de estabelecer uma relação lógica, linear, determinista e holística de acontecimentos considerados relevantes, mas para apontar aspectos que integram de maneira fluida, sobreposta e multidirecional minha identidade neste recorte temporal.

Como profissional e ouvinte de música, posso afirmar meu interesse por uma parte representativa dos artistas e gêneros musicais (presentes no festival) desde a infância, aprofundando tais conhecimentos na adolescência e estendendo esse direcionamento estético até a atualidade. Por influência parental, ainda em fase infantil, fui apresentado a diversas canções de compositores da MPB (Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque etc.) nos vinis que soavam aos domingos no toca-discos de nossa residência. Com a idade um pouco mais avançada, em fase adolescente, transitei por incursões no universo do rock, inicialmente ouvindo bandas mais afamadas do gênero e posteriormente direcionando a escuta e a participação ao cenário punk do interior de São Paulo, com fortes influências de bandas inglesas, norte-americanas (sobretudo californianas), mas também nacionais. Neste período, inúmeras questões sobre feminismo, homofobia, igualdade de gênero, racismo, xenofobia, vegetarianismo, capitalismo, anarquismo, entre outras temáticas políticas eram veiculadas, tanto nas letras das músicas quanto nos “zines” (fanzines, panfletos) locais e nacionais, e fui incorporando tais discussões juntamente ao conteúdo estético.

Concomitantemente, nessa mesma época iniciei informalmente os estudos e a prática de violão e canto, juntamente à formação de bandas com os amigos, à execução de *covers* de bandas que apreciávamos, mas também à composição de canções abordando temas que permeavam o gênero musical punk. Alguns anos após, com o alargamento da escuta de estilos e gêneros musicais, a prateleira de CDs e fitas cassetes de punk e hardcore passaram a perder espaço para bandas de classic rock, rock psicodélico e progressivo, tais como Led Zeppelin, Jimi Hendrix, Janis Joplin, The

Doors, Pink Floyd, The Beatles, Rolling Stones, mas também nacionais, como Os Mutantes, Raul Seixas, Novos Baianos, Secos e Molhados etc. Também considero um divisor de águas sobre questões que envolvem minha formação identitária, estética e ideológica, a aquisição dos DVDs do Woodstock (1969) e do Festival da Ilha de Wight (1970), espécies de documentários com as principais apresentações musicais dos eventos.

Em continuidade a essa narrativa, é possível relacionar as próprias temáticas que abordei em meu trabalho de conclusão de curso de graduação e mestrado (ambos na área de Música) – que abordaram como tema central a Tropicália (BOMFIM, 2010) e Tom Zé (BOMFIM, 2014), respectivamente – com o Psicodália, em razão de o artista baiano ter se apresentado diversas vezes no evento, assim como por questões estéticas e de um ideário do festival bastante alinhado ao movimento musical sessentista⁴ (BOMFIM, 2018). Nesse sentido, foram diversos os pontos que me conectaram ao festival, dentre outros que elenquei nos escritos da tese. Acredito ser pertinente ressaltar que, ainda antes de cursar a pós-graduação, alguns colegas já haviam me alertado sobre a existência do Psicodália, afirmando que seria um festival com o qual eu me identificaria. Alguns desses amigos, inclusive, já haviam se apresentado ou participado do evento.

A primeira experiência que pude vivenciar no festival ocorreu na categoria de público, no Réveillon de 2012-2013, e esta participação ficou imensamente marcada em minha memória. A proposta havia surgido a partir de um grupo de amigos da universidade, pelo qual tive acesso ao *site* do evento, que apresentava um *line-up* musical bastante atrativo para mim, envolvendo Os Mutantes, Hermeto Pascoal, Alceu Valença, Blues Eéticos e uma diversidade de outras bandas e artistas de menor impacto midiático. Além do repertório musical, a oferta de uma série de oficinas e *workshops* – abordando temas como yoga, meditação e mantras, cerâmica, construção e ensino de instrumentos musicais, didgeridoo,⁵ fotografia, desenho, poesia, práticas

⁴ Além disso, é evidente a influência e a relação entre os termos ou neologismos “Tropicália” e “Psicodália”, este último surgido inicialmente para denominar uma banda de um dos fundadores do festival.

⁵ Instrumento de sopro de origem aborígene australiana. Recebe diversas outras denominações de acordo com a etnia à qual pertence, entre estas, a nomenclatura de yidaki.

cênicas, construção geodésica etc. –, juntamente a uma estrutura de *camping*, alimentação, banheiros e bares, proporcionou-me uma identificação quase imediata com o festival. Além disso, diversas questões relacionadas ao que denominei em minha pesquisa de “ideário do festival” (BOMFIM, 2018) – referentes a apropriações contemporâneas das perspectivas hippies e contraculturais, associadas a conceitos de liberdade, paz, amor, sexualidade, ludicidade, sustentabilidade, ecologia, coletividade e a uma orientação estética e política específica – também foram essenciais no estabelecimento de um vínculo mais estreito com o Psicodália.

Nas duas edições dos anos seguintes, 2014 e 2015, participei do Psicodália em uma dupla condição de pertencimento, visto que, além de público, nesse período também me configurava como pesquisador do festival. É válido ressaltar que foi em 2014 que ingressei no programa de pós-graduação para cursar o doutorado sobre esta temática. Nos anos de 2016 e 2017, minha atuação e relação de pertencimento ao festival nas respectivas edições do Psicodália foram potencializadas. Por dois anos consecutivos tive a oportunidade de – além de pesquisar e integrar o público do evento – trabalhar (voluntariamente) na produção do festival, atuando, mais especificamente, na comunicação/sinalização e pintura de placas da localidade (no ano de 2016) e na cenografia do Palco do Sol (e dos Guerreiros) do Psicodália (em 2017). Nessas edições, a minha permanência na fazenda para a organização, montagem, manutenção e desmontagem do evento durou cerca de um mês em cada ano. Além dos aprendizados em campo e da possibilidade de aprimoramento da pesquisa etnográfica, a relação estabelecida com os integrantes do festival (sejam estes da organização, músicos ou público) foi se aprofundando a cada ano, chegando inclusive a serem estabelecidos laços de amizade que ultrapassavam os vínculos de pesquisa ou de trabalho no festival.

Por todas as considerações e razões elencadas neste trecho e abordadas de forma mais densa em minha tese (BOMFIM, 2018), ressalto os cruzamentos, minhas relações de identidade e pertencimento em relação ao campo etnográfico, possibilitando minha caracterização como pesquisador nativo. Nessa perspectiva, no intuito de inserir o leitor sensorialmente no espaço-tempo do Psicodália, encerro esta seção utilizando um recurso que denominei como “cenas” descritivas do festival. Estas

narrativas, utilizadas em cinco momentos da tese, abarcavam percepções, reflexões (individuais e/ou coletivas), informações e análises de dados do Psicodália, em uma estrutura mais literária e lúdico-poética. Peço então licença para reproduzir aqui um fragmento da cena “A chegada e o deslumbramento”:

Antes de chegarmos à fazenda já havíamos tido acesso ao mapa do local, disponibilizado no site do festival, com a localização dos palcos, identificação dos serviços e Praça de Alimentação, e posicionamento dos cinco campings locais – Tutti Frutti, Mutantes, Casa das Máquinas, Terreno Baldio e Secos e Molhados. Como chegamos razoavelmente cedo no Psicodália, acabamos tendo oportunidade para escolhermos um bom lugar para acampar. Dessa forma, decidimos olhar todos os campings para entender melhor a dinâmica destes no evento e acabamos optando pelo camping Tutti Frutti. Tentamos ser rápidos, visto que um grande número de pessoas já estava adentrando e se instalando no local, e também porque havia uma iminência de chuva e já queríamos firmar nossos abrigos.

Apesar de nossa moderada pressa, atravessar o portão de entrada do Psicodália – e por que não dizer “O Portal”? – logo me trouxe à mente a música *Break on Through (To the other side)* de The Doors e seu riff inicial em pentatônica menor que, de acordo com Ray Manzarek (tecladista da banda), tinha o intuito de fazer um rock mais brasileiro, que misturasse o riff melódico a uma levada mais bossa-nova. Entendi esta ativação mnemônica quase como um ato falho freudiano, que trouxe inconscientemente à tona a música, por razões mais letrísticas, ideológicas e simbólicas que propriamente musicais – já que aquele ato foi considerado um ato libertador, de literalmente “atravessar para o outro lado” e se desprender da mesquinha realidade cotidiana. Impulso mental esse que foi logo sucedido pela lembrança de Aldous Huxley, em seu ato de abertura das *Portas da percepção* (1954). Livro que, além de nomear esta clássica banda de rock’n’roll californiana, se enquadrava perfeitamente na idealização que criei sobre o festival – quando o autor relata suas experiências psicodélicas e alucinatórias com uma dose de mescalina (sintetizada do cacto) e discute filosoficamente a realidade a partir de um viés sensorial.

Outras pessoas também pareciam experimentar as mesmas sensações ao adentrar o local, estampando sorrisos e expectativas nos rostos; se abraçando e pulando de alegria, como crianças que acabam de entrar no mundo encantado de um parque de diversões; ou simplesmente caminhando em silêncio, contemplando uma nova realidade que estava se descortinando ao seu redor.

Além de carregar estas impressões, os recém-chegados àquele universo também traziam em suas bagagens instrumentos musicais (desde violões, violinos, acordeões, saxofones, e até mesmo didgeridoos, amplificadores e baterias completas), câmeras fotográficas e tripés, “malabares”,⁶ bambolês, pernas de pau, trajes de fantasias, entre outras – o que denotava um grande número de artistas interessados no evento. Para a sua estadia e à medida do possível conforto, também transportavam *coolers* para bebidas, engradados de cerveja, tendas, barracas para uma pessoa,

⁶ Equipamentos usados para malabarismos circenses, tais como bolas, fitas, chapéus, bastões, claves, diabolôs (espécie de iôô), aros etc.

barracas enormes para sete pessoas, cadeiras de praia, carrinhos de bebê, e também crianças e bebês (filhos ou netos) [...]. (BOMFIM, 2018, p. 29-30).

Perspectivas teórico-etnográficas: o pesquisador nativo

Em decorrência da multiplicidade de possibilidades de abordagens etnográficas, discutidas exaustivamente por autores da antropologia, sociologia e etnomusicologia, é possível constatar que uma das figuras centrais no adensamento e complexificação desta prática é o questionamento de sua própria configuração como pesquisador em campo. Nesse sentido, ao refletir sobre esta consideração, direcionei a atenção a alguns elementos de minha multifacetada identidade que abrange traços de músico, pesquisador, etnomusicólogo e etnógrafo do festival, mas que também é composta por um integrante do público, da organização ou nativo do festival. Ademais, considero de grande relevância destacar minha disposição como indivíduo, em razão de que alguns dos elementos constituintes de minha formação também são capazes de “abrir ou fechar portas” em uma prática etnográfica realizada por um homem, branco, de classe média, heterossexual, cisgênero, músico e, na época, estudante de pós-graduação.

Um paradoxo ou dualismo que constatei em meu posicionamento no interior do festival, e que me parece bastante profícuo, é a contraposição “pesquisador X ‘nativo’” ou a complementaridade “pesquisador nativo”. Acredito ser necessário ainda, antes de adentrar a esta discussão, esclarecer a que me refiro ao utilizar o conceito “nativo”. Primeiramente, este termo está associado aos escritos antropológicos, historiográficos e etnografias realizadas desde o início do século XIX, por inúmeros autores, sendo estas produções antecedidas por relatos de viajantes (e colonizadores) que utilizavam a noção de “primitivo” ou “selvagem” para se referir aos povos encontrados. A antropóloga indiana (naturalizada norte-americana) Kirin Narayan argumentou sobre o tema da seguinte forma:

[...] aqueles que são antropólogos, no sentido usual da palavra, são pensados para estudar os Outros, cujos mundos culturais estrangeiros devem minuciosamente vir a conhecer. Aqueles que divergem como antropólogos “nativos”, “indígenas” ou “insiders” são acreditados para escrever sobre suas

próprias culturas de uma posição de afinidade íntima. (NARAYAN, 1993, p. 671).

Ainda que consciente da profunda problemática etnocêntrica, colonialista e hierárquica ao utilizar tal termo, acredito que este ainda é uma referência pertinente às pesquisas acadêmicas destas áreas; além disso, suas próprias conotações também têm se transformado no decorrer dos anos. Em minha pesquisa de doutorado, de forma geral, a noção de “nativo” compreende todos os indivíduos que já participaram ou participam do festival Psicodália. Permeando essas discussões, certamente há ainda uma problemática que precisa ser superada por parte do pesquisador, que se refere à “homogeneização dos nativos”, pois há inúmeros níveis de “natividade (ser nativo)”. Sendo assim, é necessário ressaltar que este conceito “nativo” foi utilizado na pesquisa de doutorado com o intuito de englobar tanto o público quanto músicos, colaboradores, integrantes, organizadores, diretores e fundadores do Psicodália, podendo ainda ser substituído por “insider”, “interlocutor”, “pesquisado”, “outro” ou, sobretudo, “psicodálico” – termo nativo observado em campo.⁷

Consciente desta dupla condição de pertencimento ao campo e ao festival, considero relevante elencar nesta publicação algumas indagações levantadas durante o doutoramento: de que forma ocorre esse duplo posicionamento em campo? Quais são as consequências de uma disposição dualista na etnografia: transitando entre um pesquisador e, desde o início, também um nativo (integrante do público) no festival? Seria essa relação conflituosa? É necessária uma “cisão em duas partes” ou esta dinâmica ambivalente proporcionaria uma experiência mais enriquecedora? A antropologia “feita em casa” (STRATHERN, 2014) seria mais rica ou estaria repleta de trivialidades por falta de um distanciamento? Como não assumir uma postura egocêntrica ao narrar minhas experiências, sensações, rotina e a disposição de meu corpo no espaço do Psicodália? “O quão nativo é um ‘nativo’ antropólogo?”

⁷ É relevante enfatizar que todas essas concepções elencadas são passíveis de críticas em relação às suas construções etimológicas, e, possivelmente, o termo mais apropriado seja “psicodálico”, exatamente por se tratar de uma noção utilizada pelos próprios integrantes do festival. Entretanto, pela escassez de uma maior diversidade terminológica, mas sobretudo pela possibilidade de diálogo com outros pesquisadores em seus trabalhos de campo, proponho a utilização daqueles termos variados, ainda que ciente de suas problemáticas.

(NARAYAN, 1993). Quais seriam os desafios e potencialidades da subjetividade (do pesquisador nativo) em uma etnografia?

Diante da impossibilidade de responder com profundidade a todas essas questões em apenas um artigo, buscarei focar em algumas indagações que proporcionem reflexões tanto endógenas quanto exógenas ao campo. Cabe ressaltar inicialmente que não considero necessário e tampouco possível haver uma fragmentação desta dual identidade. Indo ao encontro dessa consideração, acredito que esta condição paradoxal seja ainda mais profícua para uma pesquisa acadêmica etnográfica. Partindo de algumas prerrogativas que essa situação pode proporcionar ao pesquisador nativo, é necessário contudo estar ainda mais atento e questionar constantemente as perspectivas de “homogeneidade nativa” para, somente então, poder ponderar as possíveis generalizações do grupo e a partir daí verificar os níveis, isto é, o quão “nativo” e o quão pesquisador/etnomusicólogo o autor se constitui naquele contexto.

Possivelmente, a mais representativa das diferenças entre o então pesquisador doutorando e os nativos do Psicodália se manifesta no interesse do primeiro em teorizar o que ocorre no festival, diferentemente da grande maioria de integrantes do evento. Entretanto, muitos destes também podem e certamente formulam suas hipóteses e teorias, sendo este um fator condicionante na potencialização de “dissonâncias ou consonâncias” das experiências vivenciadas no local. Como afirmado anteriormente, o posicionamento do pesquisador nativo abre concessões para que o autor crie conceitos e termos para descrever o evento. Entretanto, acredito que buscar dialogar com ou utilizar os conceitos de outros *insiders* propicia uma maior horizontalidade entre os pares.

A teórica Kirin Narayan - que também recebe usualmente essa categorização de “pesquisadora nativa” - questiona esse dualismo e foca na qualidade das relações que mantemos com as pessoas que buscamos representar em nossos textos. Nesse sentido, a autora propõe desconstruir a ideia de que os interlocutores poderiam ser classificados como meros indivíduos para declarações acerca de um “outro generalizado”, impulsionando assim um entendimento desses sujeitos como portadores de “vozes, perspectivas e dilemas” (1993, p. 672).

Direciono então a discussão para uma fundamental preocupação etnográfica, bastante recorrente nas pesquisas atuais, que se refere a dialogar com os nativos de forma que essa interlocução assuma um caráter mais horizontalizado. Nessa perspectiva, busca-se amenizar as hierarquias entre o pesquisador e o nativo. Considero que essa conjuntura dualista na qual fui inserido como pesquisador ainda abre a possibilidade de outros questionamentos, tais como: de que forma é possível construir uma pesquisa mais horizontalizada e dialógica? Para quem (com quem, sobre quem, em relação a quem) escrevo minhas etnografias? Qual seria a reação/resposta dos psicodálicos ao lerem meus artigos ou tese?

Ao vislumbrarmos possíveis caminhos ou soluções para essas questões e dilemas impostos ao etnógrafo, acredito que a máxima antropológica “*follow the native!*” – referente ao uso e respeito de terminologias e concepções nativas – oferece subsídios para minimamente buscar um nivelamento ou equilíbrio quanto às hierarquias. Além dessa premissa, a utilização de citações diretas extensas narradas pelos psicodálicos e a identificação dos nativos entrevistados – caso haja interesse ou consentimento por parte destes – são estratégias utilizadas com o intuito de reconhecer o mesmo valor entre as teorias nativas e acadêmicas, reduzindo, assim, heranças colonialistas por parte do pesquisador.

A utilização desse procedimento possibilita a redução de distorções de sentido criadas pelo pesquisador ao realizar citações indiretas das falas dos interlocutores em suas publicações. Ainda assim, acreditar que apenas essas decisões poderiam solucionar as questões hierárquicas entre esses dois polos seria de grande ingenuidade. A complexidade dessas relações se apresenta de forma bastante imbricada, existindo ainda a possibilidade de que a escolha da alocação da fala nativa (transcrição) em determinados contextos textuais gere ressignificações ou discursos completamente distintos das originais intenções.

O estabelecimento de um diálogo interno e externo ao campo com os envolvidos na pesquisa também possibilita a amenização dessas “novas atribuições de sentido” às falas dos interlocutores. A disponibilização de artigos e escritos etnográficos do pesquisador aos nativos tem se mostrado uma estratégia bastante fecunda nesse processo de desconstrução hierárquica. Logicamente, ainda que haja

uma iniciativa por parte do acadêmico, é preciso que os pesquisados manifestem um interesse mínimo no processo de criação textual e nas análises e teses que estão sendo elaboradas nos artigos e publicações. Caso haja um legítimo interesse nativo em dialogar sobre essas questões, a perspectiva de se estabelecer uma “multivocalidade de discursos”, ou, como se referia Mikhail Bakhtin (1983) – linguista e filósofo russo – , uma “heteroglossia” textual, é potencializada.

Em continuidade a essa discussão, cabe ainda retomar o questionamento: para quem (sobre quem, com quem, em relação a quem) escrevi minha tese? Certamente todas essas questões estimulam reflexões bastante fecundas, entretanto a indagação “sobre quem escrevo?” merece um maior aprofundamento. De acordo com Roy Wagner, antropólogo estadunidense que se debruçou sobre essa questão na obra *A Invenção da Cultura* (1975), o relativismo cultural precisa ser encarado com um olhar crítico. Ele argumentou em defesa do que denominou “relatividade cultural”, isto é, a favor de uma etnografia que não disserte “sobre um grupo de nativos”, em uma análise supostamente objetiva, e sim “sobre sua relação com os nativos”. A argumentação de que um pesquisador possa afirmar “quem é o ‘outro’”, associada à ideia de “autoridade etnográfica”, tem sido amplamente questionada desde a chamada “crise da representação” e a crítica realizada por autores inseridos na dita pós-modernidade e tornou-se uma questão bastante problemática e complexa (CLIFFORD; MARCUS, 1986). Tais temáticas e questões elencadas também foram amplamente discutidas por alguns autores associados à decolonialidade, ao pós-colonialismo e por teóricos como Bruno Latour (2009), relacionado à antropologia simétrica; Roy Wagner (2012) e a antropologia reversa; ou ainda Marilyn Strathern (2014), no âmbito da antropologia reflexiva.

Em um contexto de pesquisa de campo e descrição etnográfica, é necessário estar atento à crítica empreendida por Wagner em relação à “solidificação” ou “presentificação” de uma cultura. Para o teórico, existe uma questão problemática em afirmar que tal cultura “é” de tal forma em vez de considerar que a cultura “está” (no presente) configurada daquela maneira. Nesse sentido, Wagner argumenta sobre o caráter inventivo ou criativo da cultura, que está em constante processo de reinvenção, sempre no gerúndio (2012, p. 138, 314). Uma possível solução para essa “armadilha”

seria realizar um recorte temporal e datar as descrições e análises etnográficas, enfatizando sempre que os escritos se referem às experiências e perspectivas constatadas naquele determinado período. Essa estratégia foi apropriada pelo etnomusicólogo norte-americano Anthony Seeger, que, provavelmente visando desviar suas análises de uma pretensa “cristalização da cultura”, aponta datações em seu livro *Por que cantam os Kisêdjê* (2015, p. 25-65) e realiza seus apontamentos etnográficos indicando precisamente dia, mês e ano dos episódios relatados (exemplo: “6 de fevereiro de 1972”).

Retornando às concepções de Wagner, o autor ressalta as invenções que realizamos, seja da cultura, da antropologia, da sociedade e até mesmo do próprio eu. Para o antropólogo, toda a ideia de desordem, caos e instabilidade gerada pela invenção tende a se equilibrar com o decorrer do tempo e a gerar uma convenção, um terreno firme. Essa dinâmica nos levaria à conclusão de que o fim de toda criação é a convenção. Entretanto, Wagner se aprofunda ainda mais na elaboração e defende que “a necessidade da invenção é dada pela convenção cultural e a necessidade da convenção é dada pela invenção [...]. Invenção e convenção mantêm entre si uma relação *dialética*,⁸ uma relação ao mesmo tempo de interdependência e contradição” (2012, p. 141).

Proponho aqui um exercício de analogia a essa afirmação de Wagner relacionado ao universo da música popular brasileira. Nessa perspectiva, é possível argumentar que, gradativamente, tensões (dissonâncias intervalares) e improvisações, ao serem amplamente utilizadas – a exemplo de algumas escalas e acordes utilizados por compositores e instrumentistas da bossa nova –, acabaram sendo incorporadas como acordes e notas mais “palatáveis” na cultura musical ou foram convencioneadas em cânones teóricos. Concluindo essa elucubração analógica, os elementos que em um momento anterior foram entendidos como incomuns, “exóticos” ou dissonantes acabaram sendo apropriados e conseqüentemente naturalizados a partir de sua

⁸ O autor defende que a dialética a que se refere não está associada diretamente à formulação hegeliana e marxista, envolvendo tese, antítese e síntese. Sua formulação está mais próxima da ideia grega original de tensão ou alternância entre duas concepções simultaneamente contraditórias e solidárias entre si.

recorrente utilização. Nesse sentido, de maneira cíclica, outras invenções foram surgindo a partir dessas convenções estabelecidas.

Ao recuperarmos a temática etnográfica e as considerações acadêmicas sobre possíveis abordagens, sublinho as reflexões da antropóloga britânica Marilyn Strathern ao desenvolver algumas propostas iniciadas por Wagner e por pesquisadores da chamada virada pós-moderna. No intuito de propor soluções para algumas questões levantadas por esses pesquisadores, Strathern buscou traçar estratégias para contornar fatores que engessavam as discussões acadêmicas, juntamente ao pessimismo presente desde o contexto da crise da representação e da relação “observador-observado”. Um tema central proposto pela autora no livro *O Efeito Etnográfico* (1999) foram as “ficções persuasivas” utilizadas pelos teóricos como estratégias literárias.

A antropóloga realizou ponderações sobre a noção de conhecimento objetivo e argumentou que, para a realização de uma comunicação, descrição ou análise, são necessárias determinadas estratégias literárias, que modificam as relações entre escritor-leitor-sujeito de pesquisa (triangulação: pesquisador-nativo-leitor). Strathern também defendeu que “enfrentar este problema é enfrentar o (próprio) arranjo do texto” (2014, p. 174) e que optar por um estilo “científico” ou “literário” seria apenas decidir entre dois tipos de ficção, pois, como lembra a pesquisadora, “não se pode escapar completamente à ficção” – remetendo-se à expressão da crítica literária britânica Gillian Beer.

Nessa publicação, a autora colocou em pauta a questão “como criar uma consciência dos diversos mundos sociais quando tudo que se tem à disposição são os termos que pertencem ao nosso próprio mundo”? (STRATHERN, 2014, p. 173). Em continuidade, adensou ainda mais a discussão ao recorrer à notória reflexão de James Boon, de que “não há lugar fora de uma cultura exceto em outras culturas ou em seus fragmentos ou potencialidades” (1982, p. ix).

Strathern buscou refutar o “mito da imparcialidade” (ou “neutralidade”), reconhecendo os níveis de tendenciosidade comunicacional. Nessa perspectiva, a antropóloga assumiu o propósito de estabelecer uma continuidade no caráter da narrativa etnográfica a partir do estilo de narrativa nativa, desestabilizando nossos

conceitos, questionando, deformando e genealogizando-os por meio das concepções dos *insiders*. Considero que as propostas de Strathern estimularam fortemente os escritos em minha tese no sentido de despertar um maior cuidado e interesse contínuo pelas ficções persuasivas e pela comunicabilidade de minhas próprias formulações discursivas.

De certa forma, a abordagem etnográfica que utilizei durante o processo de doutoramento também dialoga com a chamada *autoetnografia*, como estabeleceram os antropólogos Karl Heider, em 1975, e David Hayano, em 1979. Ou ainda, se aproxima da *autoantropologia*, como discutiu a própria Strathern no artigo “The Limits of Auto-Anthropology” publicado em 1987. Justifico tais tangenciamentos em razão de reconhecer a subjetividade como um elemento de vasta potência no processo de construção do conhecimento – logicamente, sem descartar a objetividade como componente desse complexo mecanismo. Historicamente, antropólogos e etnógrafos buscaram realizar pesquisas em culturas completamente distantes e distintas de sua origem com o nítido propósito de gerar um estranhamento e um distanciamento que proporcionassem uma maior objetividade do trabalho. Diferencio minha tese desse posicionamento exatamente pela própria seleção temática que elenquei, seja por abordar um festival do qual me considero integrante (como público ou organizador), seja por me identificar pessoalmente com o ideário e orientação estética do evento.

Nesse sentido, a pesquisa etnográfica do doutorado foi realizada no próprio contexto social que a produziu (STRATHERN, 1987), ou seja, uma etnografia feita por um integrante da cultura em questão, um pesquisador-nativo.

De acordo com os autores Stacy Jones, Tony Adams e Carolyn Ellis, no livro *Handbook of Autoethnography* (2013), é possível especificar quatro possibilidades de escrita autoetnográficas em suas particularidades:

- (1) imaginativo-criativa: representa o tipo mais inovador e experimental, publicações neste estilo têm incorporado poesia e diálogos performativos baseados na autobiografia dos pesquisadores;
- (2) confessional emotiva: diferente da escrita convencional e científica, esta abordagem busca expor detalhes que provocam reações emocionais nos leitores;
- (3) realista-descritiva: este estilo busca descrever a experiência do pesquisador por meio de uma narrativa, integrando detalhes que auxiliam o leitor a reconstruir em suas mentes a realidade descrita;
- (4) analítico-interpretativa: é uma abordagem

acadêmica típica comum na pesquisa em ciências sociais, que tende a suportar a análise e a interpretação sociocultural. (MOTTA; BARROS, 2015, p. 1339).

Apesar de autoetnografia e autoantropologia oferecerem alternativas e perspectivas de escritas que se distinguem das etnografias mais “tradicionais” – seguindo a lógica de buscar uma maior objetividade analítica ao abordar a cultura do “outro” –, é fundamental reconhecer os limites de tais metodologias. Nesses terrenos etnográficos, intensifica-se o risco de submergir em uma total subjetividade, sem qualquer vestígio de objetividade, ou em um discurso autobiográfico narcisista.

Strathern (1987) ressalta que, quando antropólogos se voltam para pesquisas em sua própria sociedade, certas questões morais tomam uma forma particular e levantam a seguinte questão preliminar: como o sujeito sabe quando está em casa? Para a pesquisadora, existem níveis oscilantes de “estar em casa” antropologicamente, isto é, de familiaridade e distanciamento ao campo. Seguindo essa reflexão, tais concepções se diferem da noção de autoantropologia, pois, para a efetivação desta metodologia, é necessário que os próprios nativos (ou integrantes de determinado grupo estudado) se interpretem a partir de conceitos da antropologia.

Ao se propor a utilizar abordagens acadêmicas autoetnográficas ou antropologias “feitas em casa”, o pesquisador se depara com a mesma situação de um equilibrista em uma corda bamba, tendendo ora para a objetividade, ora para a subjetividade, havendo constantemente o risco de se exceder (ou desabar) para algum dos dois lados. Ciente dessa constante ameaça, a estratégia adotada durante a pesquisa de doutorado – de modo a evitar atingir excessos de subjetividade ou mesmo um limite da autoetnografia – foi norteadada pela comparação e pelo entrecruzamento de análises de caráter mais subjetivo a dados quantitativos, questionários respondidos por participantes e pela busca de um respaldo ou complementação a partir de outras falas nativas registradas em entrevistas. Nesse sentido, busquei uma aproximação ao que o filósofo russo Mikhail Bakhtin (1983) denominou “heteroglossia”, que se configura como uma interação de múltiplas perspectivas individuais e sociais, possibilitando confluências generalizáveis desses discursos. De acordo com o teórico, quando uma opinião, percepção ou um fenômeno aparentemente individual passa a ser relatado com recorrência na narrativa experiencial de vários indivíduos, é possível ultrapassar

um nível de subjetividade e ir além de uma perspectiva pessoal, de modo a elaborar teorias de maior profundidade, a partir da reunião de outros dados e informações. Para exemplificar algumas dessas constatações recorrentes em falas nativas, que registrei durante o período de doutorado, ressalto discursos que defenderam haver um estabelecimento de uma noção de “comunidade” no Psicodália ou análises que argumentavam que o evento proporcionava uma “experiência transformadora” (BOMFIM, 2018).

Retomando a temática anterior sobre o dualismo “nós” (pesquisadores) e os “outros” (nativos) – juntamente aos “grandes divisores” que constituem esse antagonismo e às possibilidades de diluição destas fronteiras visando uma etnografia mais horizontalizada –, cabe ressaltar a contribuição do sociólogo francês Bruno Latour, que cunhou a expressão “antropologia simétrica”. Nessa perspectiva teórica, o autor buscou amenizar ou dissolver as assimetrias presentes nas narrativas destes dois polos, sublinhando a existência de não apenas dois, e sim uma multiplicidade discursiva e sensorial-perceptiva. Latour não se referia, naturalmente, a uma noção de “unidade igualitária” como propósito, no sentido de ignorar ou superar as singularidades e as vastas distinções entre os agrupamentos humanos, mas que estes indivíduos fossem respeitados e compreendidos como “igualmente diferentes” (LATOURE, 2009).

Em continuidade a este raciocínio, é possível afirmar que a proposta de simplesmente apagar as diferenças seria uma expressão do etnocentrismo e de etnocídio, de forma que certamente a cultura que se sobressairia seria a de maior poder. Nesse sentido, ao proferir como “simples generalizações” máximas como “somos todos nativos” (GEERTZ, 2009) ou “somos todos antropólogos” (WAGNER, 2012, p. 108), é preciso muito cuidado para não ser ludibriado por armadilhas colonialistas. Ao utilizar essas expressões, é fundamental que a argumentação esteja bem construída e clara em suas intenções, de modo a não permitir margens interpretativas relacionadas à ideia de “elevar” os nativos ao nível dos pesquisadores, sobretudo se essa atitude tomada por esse grupo for considerada supostamente ética e nobre. A ideia de almejar que o “outro” seja igual a mim também é uma manifestação de etnocídio. Atento a tais reflexões, durante a redação de minha tese, não objetivei

denominar os psicodálicos como pesquisadores, antropólogos ou etnomusicólogos, entretanto busquei reconhecer em um mesmo patamar os discursos e interpretações nativas em relação às minhas próprias hipóteses ou reflexões dos teóricos acadêmicos. Sendo assim, com o intuito de equiparar as relevâncias de análises e discursos, busquei equilibrar a quantidade de falas de cada uma dessas categorias, atribuindo sempre valores e potencialidades conceituais proporcionais.

No artigo “O Nativo Relativo” (2002), publicado pelo antropólogo carioca Eduardo Viveiros de Castro, o autor argumenta em favor de sua proposta intitulada “perspectivismo ameríndio” e questiona as hierarquias estabelecidas entre os saberes e a epistemologia antropológica:

A ciência do antropólogo é de outra ordem que a ciência do nativo, e precisa sê-lo: a condição de possibilidade da primeira é a deslegitimação das pretensões da segunda, seu “epistemocídio”, no forte dizer de Bob Scholte (1984, p. 964). O conhecimento por parte do sujeito exige o desconhecimento por parte do objeto. (2002, p. 116).

Com esta dura crítica aos mecanismos acadêmicos, o teórico propõe que os conceitos e as epistemologias nativas sejam realmente levados a sério, no sentido de que eles sejam compreendidos como dotados de uma significação propriamente filosófica. O pesquisador discute a correspondência de direitos entre os discursos do antropólogo e do nativo como uma estratégia para amenizar as hierarquias entre esses grupos.

De maneira geral, esta seção do artigo se propôs a abordar as reflexões selecionadas como referências para a concepção teórica e prática etnográfica da pesquisa de doutoramento deste autor, assim como ressaltar a convergência de perspectivas e objetivos entre esses dois polos. Neste fragmento, busquei enfatizar as inúmeras contradições e armadilhas na etnografia e pesquisa de campo, juntamente a possíveis estratégias dos acadêmicos posicionados na categoria de pesquisador nativo. O empenho em reduzir a colonialidade, o etnocentrismo e o etnocídio em nossos discursos – mantendo nossa subjetividade, identidade e cumprindo as exigências acadêmicas – não é uma tarefa fácil, mas se configura como uma demanda essencial para pesquisadores que visam promover a justiça social na contemporaneidade.

Experiência etnográfica em campo

Estabelecer um alinhamento entre os planos teórico e prático na ciência é um empreendimento reconhecidamente complexo e árduo no meio acadêmico. Sendo assim, é possível inferir que perspectivas de escolas de pensamento e reflexões de autores nem sempre dialogam de forma efetiva com as abordagens práticas de uma etnografia em campo, com a convivência direta com os nativos ou com determinada realidade sociocultural.

Nesse sentido, buscarei apresentar neste fragmento textual alguns aspectos mais objetivos e pragmáticos de minhas atividades em campo, seja ao realizar entrevistas, escrever no diário de campo, solicitar ao público o preenchimento de questionários, coletar materiais pertinentes ao evento ou ainda efetuar registros em filmagens, fotografias, gravações de áudio e dialogar com os nativos em momentos anteriores, durante e posteriores ao festival. Seguindo esse raciocínio, nesta seção, apontarei alguns procedimentos elementares utilizados no decorrer da pesquisa de campo que, apesar de supostamente simples, quando aplicadas *in loco*, ressaltam as dificuldades constatadas em sua execução.

Foram realizadas uma totalidade de sete entrevistas com dez psicodálicos, subdivididos em três grupos: público, músicos (artistas) e organizadores/fundadores, considerando ainda a possibilidade de ocorrência de diversas interseções entre as categorias. Em relação aos entrecruzamentos, foram encontrados exemplos como fundador-organizador-músico ou músico-público. Ou ainda, quando dissertei sobre minhas reflexões e análises, me posicionei na situação de público, ou pesquisador-público, ou ainda pesquisador-organizador-público, visto que, apesar de ser músico, ainda não tive a oportunidade de me apresentar artisticamente no festival.

Ainda sobre as entrevistas, ressaltei outras informações que considero relevantes à etnografia, tais como local, data, contexto e duração do diálogo, função específica do interlocutor no festival, nível de formação, profissão, gênero, etnia, origem, classe social, local de residência, entre outras informações do nativo que fossem relevantes à tese. Também busquei compreender quais eram as relações dos

insiders com o Psicodália, quantas edições e em quais funções haviam participado, quais motivos os levaram ao Psicodália, quais significados eles atribuíam ao festival etc. Cabe ressaltar que todos os integrantes entrevistados autorizaram os usos dos materiais registrados (transcrição, material audiovisual e/ou gravação em áudio da entrevista) e a utilização de seus nomes para corroborar suas falas em minha pesquisa. Alguns dos nativos inclusive solicitaram que seus nomes reais estivessem presentes na tese, caso houvesse alguma citação de sua fala. Durante a escrita do trabalho, organizei planilhas, gráficos e quadros explicativos no intuito de favorecer a compreensão de questões mais complexas ou para facilitar a memorização do leitor diante do grande montante de informações, nomes, datas, entre outros elementos.

Considero relevante enfatizar a dificuldade vivenciada em conseguir entrevistas com vários nativos. Primeiramente, porque alguns colegas que conversei afirmaram que não se sentiriam muito confortáveis sendo entrevistados. Outros integrantes se mostraram solícitos, mas, diante da intensa carga de trabalho e do cronograma rigoroso durante a montagem do festival – tanto dos outros organizadores quanto a minha –, muitas vezes não conseguíamos horários em comum. Ademais, nas horas livres que possuíam, muitas vezes estavam mais propensos e interessados em dormir cedo, descansar ou ainda festejar, beber e “fazer um som” com os amigos, sendo essa uma inclinação bastante compreensível.

No intuito de complementar as informações obtidas em entrevistas, por sugestão de minha orientadora – ideia que considerei bastante alinhada às perspectivas teóricas da seção anterior –, propus discussões de fragmentos textuais no Facebook e em grupos do WhatsApp, convidando pessoas que já participaram do festival para discutir, dialogar, criticar e tentar construir, de forma mais coletiva, os textos que redigia sobre o evento.⁹ Anteriormente a essa proposta, ainda em meados de 2015 (segundo ano do doutorado), havia disponibilizado integralmente no *Facebook*, na página oficial do grupo do Psicodália (composta atualmente por mais de 24 mil membros), o primeiro artigo que escrevi sobre o festival (BOMFIM, 2015), para que os

⁹ Diversos fragmentos textuais utilizados na tese de doutorado foram discutidos com nativos psicodálicos com o propósito de esclarecer dúvidas, de obter informações mais precisas e de estabelecer uma participação mais ativa desses sujeitos na pesquisa.

integrantes pudessem ler, colaborar com a redação dos próximos textos e tecer críticas sobre o material. A postagem neste *site* rendeu, na época, cerca de 64 curtidas e 15 comentários.

Além dessas propostas, também participei de três grupos de discussão no aplicativo WhatsApp. O primeiro que ingressei foi intitulado como “Dália #nunca mais naovou”, criado em 2015, composto por 32 membros (entre amigos e conhecidos). O segundo grupo do aplicativo, “+ Festivais na Vida”, também criado em 2015 e integrado por 32 participantes (maioria do Rio de Janeiro-RJ); o terceiro, “Dália: Festival 2017”, criado em 2016. O penúltimo grupo citado havia sido criado, inicialmente, com o intuito de organizar dois ônibus de excursão para o festival Psicodália de 2015 (em Rio Negrinho-SC), partindo do Rio de Janeiro-RJ, e, por esta razão, foi denominado “Cariocas Rumo ao Psicodália”. Como alguns integrantes desse grupo, inclusive eu, também participaram naquele ano do *Aldeia Rock Festival*, entre outros festivais, seu nome acabou sendo atualizado para uma proposta mais ampla. Diante dessas informações, é possível afirmar que tais grupos foram criados com o intuito de promover espaços de compartilhamento e integração entre indivíduos que participaram do festival Psicodália no carnaval de 2015.

Ao estar inserido e fazer uso desses espaços virtuais, considero que alguns passos foram dados em direção a uma etnografia mais horizontalizada e dialógica. A partir dessas propostas, foi possível apreender de forma mais aprofundada as críticas e concordâncias apresentadas pelos nativos do festival em relação aos discursos e análises que redigi durante a escrita da tese.

De acordo com os pesquisadores Evandro Ghedin e Maria Amélia Santoro Franco, em artigo que discute a etnografia como um processo de construção de conhecimento (GHEDIN; FRANCO, 2008), ao abordar o fator da redundância: “À medida que se vai efetuando a coleta, vai sendo construída a interpretação, até ser alcançado um nível de redundância das informações, indicativo de que o pesquisador conseguiu o máximo de variação sobre dado contexto” (p. 190). Ou seja, na medida em que os discursos começam a se repetir com frequência, é possível pressupor que já tenham sido colhidos materiais suficientes. Também é necessário sublinhar que, quanto maior for a relevância dos sujeitos perante o festival (e, portanto, selecionados

para as entrevistas), maior será a representatividade de suas narrativas. Seguindo essa reflexão, indivíduos associados à fundação do Psicodália, a cargos de grande responsabilidade na produção do evento ou a uma longa participação na produção, público ou artista do festival, certamente expressam discursos de maior embasamento e representatividade.

De forma a adicionar informações às narrativas obtidas em entrevistas e discussões virtuais, foram distribuídos ao público 132 questionários na edição de 2017 do festival. O material era composto por oito questões objetivas, abertas (não de múltipla escolha), tais como: 1 - Idade; 2 - Gênero (sexo); 3 - Profissão; 4 - Cidade onde reside; 5 - Motivos que o trouxeram ao Psicodália; 6 - Número de Participações no festival; 7 - Banda ou artista que gostaria de ver no Psicodália; 8 - Banda ou artista que NÃO gostaria de ver no evento.

Em diversos momentos de conversas informais, tive a oportunidade de ouvir depoimentos bastante marcantes e condizentes às propostas que defendi em minha tese. Infelizmente, muitas dessas conversas não foram gravadas ou filmadas. Entretanto, para facilitar meu trabalho, buscando manter o máximo de fidelidade ao discurso, eu realizava anotações no bloco de notas de meu celular e posteriormente as transcrevia para o diário de campo, acrescentando alguns dados e eventos daquele dia. Carregar o caderno de campo sempre envolvia um risco, pelo fato de que nele estavam escritos dados e relatos (alguns confidenciais) desde minha primeira edição no Psicodália. Além disso, este material poderia se molhar, rasgar, sujar, ser danificado na fazenda – pelo fato de estar realizando trabalhos braçais – ou ser perdido em qualquer local. Como restavam poucos intervalos (durante os períodos de montagem e desmontagem) para que eu pudesse parar e refletir sobre os acontecimentos do dia e redigi-los de forma organizada e fundamentada, a escrita era reservada à noite ou ao início da manhã, antes do café. Nesse sentido, a manutenção do caderno de campo era praticamente diária, e o estilo de escrita era majoritariamente narrativo, relatando os acontecimentos do dia, atividades, trabalhos, dificuldades, shows, oficinas, conversas, observações, hipóteses, dados.

Ao término do doutorado, o caderno de campo abrangeu 170 páginas, apresentando uma média de três páginas de escrita por dia, com oscilações entre uma

página e meia e nove páginas – em dias mais marcantes ou de inspirações elevadas. Estabelecendo uma relação entre o quantitativo de páginas registradas no diário de campo e a totalidade de dias em que permaneci na fazenda Evaristo (62 dias), é possível dividi-los da seguinte forma: 7 dias na edição de 2012/2013;¹⁰ 7 dias em 2014 (19 páginas); 6 dias no ano de 2015 (34 páginas); 20 dias na edição de 2016 (63 páginas); 22 dias em 2017 (54 páginas).

Durante a pesquisa de campo, era interessante observar como temáticas, discussões e questões relacionadas às minhas hipóteses emergiam em diálogos a todo momento. Dessa forma, quando observava um mote específico, envolvia-me na discussão e cuidadosamente buscava esmiuçar afirmações sobre determinados assuntos, priorizando uma escuta atenta às respostas dos sujeitos para logo em seguida realizar anotações no celular (bloco de notas) ou no caderno de campo.

Atividades como filmagens, gravações em áudio, fotografias, coleta de impressos e cartazes e anotações detalhadas no diário de campo foram fundamentais para o ajuntamento de informações durante este período. A coleta (compra ou troca) de alguns materiais – neste caso, CDs, DVDs, camisetas, artesanatos, livros, poesias, zines – também favoreceram algumas formulações teóricas sobre a comunidade pesquisada, sejam estas desenvolvidas individualmente ou juntamente a outros nativos. No intuito de realizar uma etnografia mais ética e consciente, vale lembrar que a maior dificuldade não se encontra em “o que fazer?”, mas em “como?”. Por essas razões, manter um diálogo aberto com os nativos sobre as questões e objetivos da pesquisa, estando atento às reflexões e demandas deste grupo, foi primordial na etnografia realizada.

Entre outros percalços constatados na pesquisa etnográfica, ressalto a falta de verba para a pesquisa de campo (passagens, transporte, ingresso, alimentação), assim como para a locação ou compra de equipamentos, visto que o material utilizado para gravação, filmagem e fotografia foi comprado integralmente sem auxílio direcionado a este propósito. Durante o evento, ainda foram enfrentados

¹⁰ Neste ano eu não possuía caderno de campo, em razão de ter participado como público e de ainda não haver iniciado a pesquisa de doutorado. Os registros sobre esta edição foram redigidos em anos posteriores.

contratempos, como intensas chuvas, frio e uma grande quantidade de lama, que dificultaram o armazenamento e transporte de materiais de pesquisa, escrita, gravação e filmagem – uma vez que todos os integrantes ficavam alojados em barracas nos *campings*.

Ainda havia a adversidade da distância geográfica, pois entre Rio de Janeiro-RJ e Rio Negrinho-SC são cerca de mil quilômetros, que correspondem a uma viagem de 18 horas de ônibus (excursão fretada), como a que realizei em 2015. Outra complexidade presente estava na tentativa utópica de dialogar com 6 mil pessoas (público das últimas edições do Psicodália) em 6 dias, sobretudo se considerarmos que o público se transforma a cada edição. Considero ainda que a proposta de participar tanto da montagem quanto da desmontagem do Psicodália abriu inúmeras portas para minha configuração e mobilidade em campo como pesquisador, envolvendo um maior acesso à diretoria, organização, camarins, “principais músicos”, assim como a informações mais restritas. Ademais, essa vivência em campo mais extensa também transformou algumas de minhas concepções e ampliou a percepção de alguns mecanismos e fluxos do festival.

Considero relevante enfatizar que, apesar de participar do evento por cinco anos como público e por dois anos como produtor, ainda restaram algumas zonas de segredo, tais como: informações sobre valores de cachês de artistas; reuniões realizadas entre a diretoria e coordenações do festival, restritas a outros integrantes; arrecadação e gastos totais em cada edição do Psicodália etc. Tal contexto me parece bastante compreensível, visto que oferece maior proteção aos organizadores e às estratégias do festival. Para se ter acesso a determinados dados, acredito ser necessário, primeiramente, um longo período de participação no evento, mas também demonstrar responsabilidade, comprometimento e engajamento com o trabalho coletivo. Conquistar a confiança da comunidade requer tempo, e a apresentação de bons resultados, o respeito aos prazos estabelecidos, além de uma relação amistosa, cordial e comunitária, favorecem o acolhimento do pesquisador neste processo.

Considerações finais

Este artigo buscou apresentar experiências, atuações e reflexões de âmbito etnográfico em relação à pesquisa de campo realizada durante meu processo de doutoramento em um posicionamento de pesquisador nativo. Nesse sentido, foram abordados elementos identitários da formação do autor e os cruzamentos dessa constituição individual em relação à comunidade integrante do festival musical Psicodália. Em continuidade, foram realizadas discussões sobre essa configuração de duplo pertencimento ao campo, assim como seus desafios e potencialidades, no intuito de possibilitar extrapolações para outras pesquisas etnográficas.

Em relação à categoria de pesquisador nativo, concluiu-se que esta disposição pode proporcionar mais oportunidades de acesso a locais, interlocutores e informações, oportunizando diálogos e reflexões em campo mais aprofundadas, a partir dessa dual e multifacetada configuração. Ainda assim, esse posicionamento também pode impor dilemas éticos e morais sobre a realização de críticas ou exposição de alguns dados sobre os nativos ou sobre a comunidade estudada. Nesse sentido, a responsabilidade do pesquisador nativo torna-se ainda maior, em razão de ele pertencer àquela comunidade, estabelecendo laços afetivos e identitários.

Em consonância a Viveiros de Castro (2002), considero fundamental enfatizar a necessidade de respeitar, valorizar e dialogar com as perspectivas e conceitos nativos – sejam estes provenientes de organizadores, músicos, público ou qualquer outra configuração em campo –, equiparando-os às noções acadêmicas, caso o pesquisador busque reduzir o etnocentrismo, a colonialidade e o etnocídio em nossas narrativas. A utilização de citações diretas das falas nativas; o diálogo e a construção coletiva de hipóteses e análises da pesquisa; o direcionamento de uma atenção plena às demandas da comunidade; a delimitação espacial e temporal dos escritos etnográficos (WAGNER, 2012; SEEGER, 2015); assim como a disponibilização de artigos e escritos aos nativos, juntamente ao diálogo em grupos virtuais e redes sociais, são ferramentas que oportunizam a ampliação da heteroglossia (BAKHTIN, 1983) – ou

seja, uma multivocalidade discursiva – e que favorecem a diluição das hierarquias entre pesquisador e nativo (NARAYAN, 1993).

O recurso discursivo das “cenas” também foi uma estratégia encontrada para se desviar de descrições supostamente distanciadas e do “mito da imparcialidade” na esfera acadêmica. Nessas narrativas, ocorreram muitas vezes aproximações às “ficções persuasivas” (STRATHERN, 2014), à autoantropologia e à autoetnografia, tangenciando categorias como a “confessional emotiva, realista-descritiva e analítico-interpretativa” (MOTTA; BARROS, 2015). Nesse sentido, foram valorizadas subjetividades do autor, sensações, sentimentos, constatações, reflexões, expectativas, em diálogo com dados e informações mais objetivas, precisas e quantificáveis. Por fim, considero necessário enfatizar que uma profunda dificuldade do pesquisador nativo em campo não se refere a “o que fazer”, e sim a “como fazer”: coleta de materiais, entrevistas, questionários, fotografias, vídeos e gravações, caderno de campo, análises e publicações etc.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press, 1983.
- BOMFIM, Leonardo Corrêa. *O Hibridismo tropicalista e seu legado nas ambiguidades musicais*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música) – DEMUS-UFOP, Ouro Preto, 2010.
- BOMFIM, Leonardo Corrêa. *Os tons de Zé: transformações paradigmáticas na obra de Tom Zé (1967-1976)*. Dissertação (Mestrado em Música) – IA-UNESP, São Paulo, 2014.
- BOMFIM, Leonardo Corrêa. O Sonho acabou? O Festival Psicodália: uma retomada contracultural. In: *Redes, trânsitos e resistência*. VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia – ENABET. Florianópolis-SC, 2015.
- BOMFIM, Leonardo Corrêa. *O Sonho acabou? O Festival Psicodália: Experiências musicais em uma comunidade efêmera*. Tese (Doutorado em Música) – CLA-UNIRIO, Rio de Janeiro, 2018.
- BOON, James A. *Other tribes, other scribes: symbolic anthropology in the comparative study of cultures, histories, religions and texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998 [1986]. p. 183-191.

CLIFFORD, James; MARCUS, George. *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.

CLIFFORD, James; MARCUS, George. Sobre a alegoria etnográfica. In: CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 1998. p. 63-99.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Trad. Vera Mello Joscelyne. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2009 [1983].

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. A etnografia como paradigma de construção do processo de conhecimento em educação. In: GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 177-208.

GOLDMAN, Márcio. Alteridade e experiência: Antropologia e teoria etnográfica. *Etnográfica*, Lisboa (Centro em Rede de Investigação em Antropologia Lisboa, Portugal), v. 10, n. 1, p. 161-173, maio 2006.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores do antropólogo: antropologia pós-social e etnografia. *Revista Ponto Urbe: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*, São Paulo, ano 2, versão 3.0, jul. 2008.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Trad. Carlos Irineu da Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2009 [1991].

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012 [2005].

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.

MOTTA, Pedro Mourão Roxo da; BARROS, Nelson Filice de. Resenha: Autoetnografia. *Cadernos de Saúde Pública* (Online), Rio de Janeiro, v. 31, p. 1339-1340, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v31n6/0102-311X-csp-31-6-1339.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2018.

NARAYAN, Kirin. How native is a “native” anthropologist? *American Anthropologist*, Arlington, Virginia, v. 95, n. 3, p. 671-686, Sept. 1993.

SEEGER, Anthony. *Por que cantam os Kisêdjê: uma antropologia musical de um povo amazônico*. Trad. Guilherme Werlang. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STRATHERN, Marilyn. The limits of Auto-anthropology. In: JACKSON, Anthony (ed.). *Anthropology at Home*. Londres; Nova York: Tavistock Publications, 1987.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva*. Campinas: Editora UNICAMP 2006 [1988].
STRATHERN, Marilyn. *O Efeito Etnográfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2014 [1999].

TURNER, Victor. *O Processo Ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, Victor. *From ritual to theatre: the human seriousness of play*. New York: PAJ Publications, 1982.

TURNER, Victor. Carnival, ritual and play in Rio de Janeiro. In: FALASSI, A. (ed.). *Time out of time: essays on the festival*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987. p. 74-90.

TURNER, Victor; BRUNER, Edward. *The Anthropology of Experience*. Chicago: University of Illinois Press, 1986.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O Nativo Relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.

WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2012 [1975].